

Famílias Modernas, Sofrimentos modernos

Daniel Roy¹

Encontramos cada vez mais nas nossas práticas, sociais, pedagógicas ou médicas e psicológicas, famílias que não correspondem a nada dos ideais familiares que nos orientam, ou pelo menos que orientam o discurso da nossa sociedade. O casamento, ou a união de facto, baseados na relação amorosa, na partilha do desejo sexual, no desejo de ter filhos como vontade expressa e decidida dos jovens casais, a imagem do pai atencioso e justo, da mãe, continuam a ser as grandes referências que parecem fazer parte dos «projectos de vida» dos jovens de todas as classes e de todos os meios sociais, até dos mais marginais.

Esses desejos, conscientemente expressos, contrastam fortemente com a realidade dos factos e das situações que encontramos : o « amor para sempre » tem a duração de uma estação, tempo de um novo encontro ; os jovens desaparecem assim que as companheiras ficam grávidas ; os pais são ausentes ou violentos; as mães não conseguem sê-lo; e cada um parece repetir na sua própria vida os erros que apontou aos pais. Apesar de tudo, a família – destruída, reconstituída, recomposta, dispersa, estilhaçada – permanece, contra tudo e todos, o lugar por excelência de intimidade e o elo que prende o sujeito ao social.

Vejamos de mais perto:

A intimidade – cada vez mais, as famílias apresentam-se como o lugar onde se desenvolvem usos e costumes extremamente singulares. São hábitos que parecem muitas vezes estranhos aos trabalhadores sociais, e também aos próprios interessados e que se apresentam nos discursos sob a modalidade do «é mais forte do que nós», «não conseguimos fazer de outra forma». Soraia não consegue não ir para a cama da mãe todas as noites para dormir, apesar dos protestos dos irmãos e irmãs, e a mãe não consegue não acolhê-la, apesar dos conselhos das assistentes sociais, educadores, médicos; Alex e a mãe adormecem juntas a ver documentários sobre os animais, é assim; Remi e o padrasto têm que se enfrentar frente ao computador nos jogos de

¹ Psicanalista membro da Comissão Executiva da NLS, Psiquiatra em Bordéus, França

combate pelos quais os dois são apaixonados, e assim a mãe pode dizer que tem «dois filhos»; Poderíamos multiplicar infinitamente os exemplos. Claro que não é novidade que seja na família que se manifeste a estranheza de um modo de satisfação própria a um sujeito, e a psicanálise foi o revelador histórico dessa dimensão: peguemos por exemplo num dos casos célebres de Freud, a jovem Dora, uma rapariga de 18 anos, que vem ver Freud por causa de um sintoma de tosse histérica, que Freud irá relacionar, após um longo inquérito, com um hábito da Dora criança – ela chupava o polegar ao mesmo tempo que mexia na orelha do irmão com a outra mão. O que é novidade nos nossos dias, é o facto dos sujeitos apresentarem abertamente o seu modo de gozar, ou seja, apresentam relatos de vida com o que podemos chamar «estilo aditivo», quando até então essa dimensão íntima era recalcada. O estilo aditivo é um modo de vida centrado no objecto de consumo, no produto. O modelo é o do toxicodependente, para o qual o que importa perceber e que o que está a operar, não é que ele não possa passar sem um determinado produto, mas que ele «não consegue fazer de outra forma», «é mais forte do que ele...» No caso da família temos que reconhecer que muitas vezes é o corpo da criança que toma esse lugar e que serve de objecto de transição à mãe ou ao pai, que serve de «fraldinha», sempre ao dispor. Assim, existe toda uma série de casos em que a criança é mais ou menos trajada com imagens ideais dos pais. Aqui está uma maneira de formar uma família: centrada numa criança como objecto de satisfação que cria a família.

Segundo ponto, a família como elo que prende o sujeito ao tecido social. Neste ponto, ainda mais, somos todos herdeiros da psicanálise. A psicanálise, e em particular Jacques Lacan, preocupou-se em mostrar como é que uma criança encontrava o seu lugar na família e como é que as diversas modalidades de encontro com a mãe, o pai, os irmãos, condicionavam, moldavam as relações sociais que o sujeito mantinha com os seus pares, superiores e com o Outro sexo. A psicanálise forjou diversos pontos de vista para dizer como é que uma criança vivência os cuidados personalizados de uma mulher, a mãe, como é que ele os aceita ou recusa, como essa atenção o prende ou lhe serve de trampolim para descobrir outra coisa; como ele encontra os pequenos outros, como ele os aceita ou afasta-os, e como ele ultrapassa essa rivalidade ciumenta e apoia-se nas identificações; como ele encontra a presença do pai, como ele o aceita ou recusa-o, como ele resolve a questão difícil de um pai que ao mesmo tempo proíbe e autoriza.

Todos temos em mente este modelo, trabalhamos com isso, com a ideia que a infância é o tempo que um pequeno humano precisa para viver estas experiências e servir-se delas para entrar no elo social. Durante muito tempo deu-se nome a este processo: educação, e a sociedade moderna sentiu a necessidade de criar «os direitos da criança» para preservar esta dimensão, que assim sendo devíamos sentir ameaçada. E com razão. Com efeito, que sejam os pais a darem um lugar á criança nem sempre é regra. No outro extremo, encontramos muitas vezes a situação inversa: é a criança que cria os pais; é a chegada duma criança que faz com que um homem ou uma mulher são nomeados para os postos de «pai» ou de «mãe». Com a chegada da criança, eles obtêm um estatuto social «automático», que rege o lugar deles na sociedade: pode aquietá-los ou angustia-los terrivelmente. Esta dimensão do «ser nomeado para» torna-se numa dimensão principal e toma o lugar do que era tradicionalmente a função do pai, a de distribuir os lugares. Então, na família, é esta nova forma de fazer que se impõe também: cada um dos parceiros da criança, pode, conforme quer, nomeá-lo para tal ou tal posto – serás a que me vingará dos homens, serás o futebolista que eu não pude ser, etc. Assim, a criança fica presa dos discursos que mandam nele, que lhe impõem um lugar, sem ter em conta o que ele ou ela vivenciam, o que ele ou ela distinguiram no seu mundo.

Efectivamente não é equivalente procurar saber os que os meus pais querem de mim, o que se apoia em parte num enigma, ou de ter de executar um programa de vida fixado pelo fantasma dos pais.

Felizmente, resta-nos os sintomas, ou seja, as diversas formas de sofrimento que afectam os seres falantes. Eles dão uma hipótese ao sujeito que deles padece de se interrogar sobre o que lhe está a acontecer, é uma hipótese para encontrar os comandos que são os da sua própria história e as fixações sobre os seus modos de satisfação. Para a criança é uma hipótese para isolar os materiais a partir dos quais ele pode «construir a sua família», ou seja, construir as figuras do pai e da mãe e assim utilizá-las para crescer.

A minha proposta é de examinar estes pontos a partir de três situações clínicas seguidas desde inícios de Janeiro no quadro de uma consulta de saúde mental infantil.

1- Tomás, 5 anos.

O Tomás é enviado à consulta pela técnica de acção educativa, no seguimento da última audiência com o juiz do tribunal de Famílias e Crianças. A medida educativa foi levantada para o irmão mais velho, Damião, 6 anos, que tinha sido indicado para consulta em 2005, mas para o qual a mãe não assegurou o acompanhamento. Damião é um rapaz com grandes dificuldades a nível da linguagem. A situação é preocupante devido à perplexidade que ele manifesta em relação aos barulhos, que ao mesmo tempo parecem excitá-lo e angustiá-lo. A história da família é singular: a mãe já tem um filho de 4 anos quando ela encontra o senhor F., o pai das crianças, que por sua vez parte com outra mulher em Agosto de 2004. Em Dezembro do mesmo ano, na altura em que as crianças estão com ele, este homem, incitado pela nova companheira, apresenta queixa contra a mãe das crianças por «toques de cariz sexual». As crianças são então retiradas durante o período de inquérito e confiadas ao pai. Ela perde 30 kg face a esta acusação «difamatória» que vem desta mulher que ela designa como a «dominadora». Após inquérito, o juiz de famílias confia à mãe a guarda dos filhos, que podem encontrar o pai de forma pontual num «ponto de encontro» designado, mas o mal está feito. Actualmente o pai já deixou a mulher, que veio a falecer. A mãe das crianças dirá: «ela pagou pelo que fez». O senhor F. acaba de ser pai de outro rapaz, Enzo, com outra mulher, sobre a qual ela diz «não é melhor». Não espera nada do pai, aliás ela nem tem a morada dele para que eu lhe possa escrever. A senhora tem um companheiro já faz três anos, mas ela nada tem para dizer sobre ele. Ele descreve o Tomás como um rapaz «muito difícil», «uma pequena bola de nervos», mas «não posso dizer que é o diabo». Há muito barulho e brigas entre o Tomás e o Damião, situações que acontecem também na escola. De facto, as coisas aparentam estar melhor desde que o irmão mudou de escola, produziu um apaziguamento no Tomás.

Como caracterizar esta situação? Por um lado, a mãe apresenta-se como alguém com uma grande deficiência ao nível da fala, incapaz de expressar o mínimo sentimento num modo subjectivo; ela não fala com as crianças, descreve as dificuldades retomando as

expressões da educadora, do médico, do juiz. O Damião é um rapaz submisso e passivo ; o Tomás é o seu gémeo agitado, que se manifesta; para ela é realmente um pequeno diabo. O pai é apresentado como um homem sem fé nem lei, submisso aos caprichos das mulheres com as quais se relaciona. A queixa coloca em relevo o estatuto das crianças como objectos entre as mãos dos adultos e os comportamentos delas testemunham a forma como se relacionam os adultos entre si (as brigas).

Então como é que o Tomás se desenvencilha com esta situação? Qual é a solução que ele encontrou ? Antes de mais, tenho a dizer que o Tomás apresenta-se a mim como um rapazinho sossegado, sério e ponderado, que procura as boas expressões para conversar comigo. Ele explica-me que na escola comete erros e que ele gostaria que a mãe lhe ensinasse já a ler e a escrever. Ele assinalou perfeitamente as dificuldades do irmão que não consegue nem ler nem escrever. De uma forma geral, para o Tomás é a mãe que tem o saber, o poder. Ele conhece bem a situação da família, mas não faz relação de filiação entre ele e o pai. Interessa-se pelo bebé Enzo. Ele conta-me um pesadelo que trata da questão familiar: «há um cão num caminho, e o meu irmão Romão (o mais velho) é um bebé em cima das costas do cão; ele começou a crescer muito e, então, carregou connosco (ele e o Damião) porque começámos a adormecer; voltamos para casa, encontrámos a mãe, mas ela pensava que estávamos em casa». É uma solução pelo irmão, ao invés de uma solução pelo pai. É o seu primeiro apoio. O seu segundo apoio ainda é mais insólito: ele vai mostrar-se muito sensível em relação a um quadro que eu tenho no meu gabinete. Ele verbaliza então o seguinte comentário: «no caderno da escola fiz uma mulher, porque tenho vontade de fazer uma mulher que vai até ao jardim e que vai ter com o marido, mas ele ainda não o desenhei, no lugar dele fiz uma árvore para dizer que ela vai para o parque». A segunda solução é a imagem fetiche da mulher. Ele vai testemunhar que não é muito sensível aos recursos das figuras paternas explicando-me num segundo encontro, que ele acaba de ser baptizado, mas não faz nenhuma referência á figura divina, apenas aos presentes que ele recebeu, dos quais uma bicicleta muito grande para ele, mas o Damião guia a bicicleta e ele pode ir atrás: mais uma solução fraterna!

2- Christopher, 12 anos.

Christopher já veio às consultas em várias ocasiões e os acompanhamentos foram sempre interrompidos : primeiro em 2000, quando ele tinha 4 anos, depois em 2006, novamente no início de 2008 e finalmente está de volta em 2009 ! As dificuldades são sempre as mesmas : Christopher não quer ou não pode inscrever-se nas relações sociais que lhe são propostas, quer seja na escola, com os camaradas, a irmã, as visitas do pai. Uma única estabilidade, a mãe, que em si é particularmente instável. É uma «mãe movediça», como as areias movediças : os pais separaram-se na altura do nascimento do Christopher, de seguida a mãe casa-se com um homem de origem magrebina (argelino) do qual ela tem uma filha; na altura ela adopta o apelido desse homem ; e de seguida converte-se ao Islão e muda de nome; o marido parte com a mãe dela e ela retoma o apelido de solteira mas guarda o novo nome. Idem em relação ao trabalho: muda muitas vezes: ela nunca está onde pensamos encontrá-la. Idem com a escola do Christopher, que muda muitas vezes. Ela encarna o capricho absoluto. Ela vem hoje com o filho, porque ele entrou para o 9º ano, mas não tinha conhecimentos para tal. Ela fez cair por terra o projecto de orientação do ano passado. Christopher já não pode ir para o 9º ano porque é demasiado difícil para ele. Até agora ele viu o pai com regularidade; em casa do pai existe um meio-irmão. No ano passado ele não suportava os camaradas de escola: «não gosto dos outros»; rapidamente ele conta-me as suas certezas persecutórias: «eles dizem-me que comigo não pode funcionar, dou azar».

Este ano, ele queixa-se de não conseguir nada no 9º ano, não tem o nível pedido, mas muito rapidamente isso passa a ser a culpa do outro, que não lhe quer bem. Não há qualquer questionamento sobre as suas capacidades. Ele é muito decidido em relação ao pai: «zanguei-me com ele; a companheira é um problema para mim, é apenas a namorada dele, ela acha que é minha mãe, não gosto dela, é feia; foi então que lhe disse que não gostava da mulher dele, pois eles vão casar-se em Julho e não quero ir; escrevi-lhe uma carta e ele respondeu-me «a tua existência deixou de ter significado para mim». Esta companheira do pai persegue-o num ponto em particular, já falado nos anos anteriores: «ela quer que eu acredite no Pai Natal, ela quer que acredite no Pai Natal que não existe». Também está zangado com a educadora. Um dia em que ele a ouviu falar com a mãe, ela estava sempre a dizer «residência principal». «Então interrompi a conversa: você vem pela minha mãe ou por mim?» A mãe pediu-lhe que pedisse desculpa à educadora, mas nessa mesma noite voltou a dizer que ele tinha tido razão. A

mãe tem um novo companheiro que tenta intervir na educação do Christopher, mas ela fala nisso com um sorriso de gozo. Ela, « ela está habituada », satisfaz-se das diversas transgressões do filho e não o autoriza nenhuma inscrição dos seus actos, anulando a responsabilidade do filho perante eles. Face a esta mãe sem fé nem lei, o Christopher construiu uma solução particular: é um ateu. Não acredita no pai, no pai que permite a entrada no elo social. Querendo dizer-me que nunca ninguém há-de substituir a mãe, ele diz: «ela nunca tomará o lugar de ninguém se morrer, o meu pai, é o mesmo, ele não tomará o lugar de ninguém». O Chris acaba por dizer melhor que ninguém que ele é o seu próprio criador, fundamentalmente sem família.

3- Diego, 4 anos.

Diego é a última criança recebida na consulta. É uma criança portuguesa que vive com a mãe, o pai, a irmã mais velha, o avô paterno e a avó paterna. Este pequeno mundo gira á volta do restaurante da família, fundado pelo avô paterno, patriarca que reina sobre o seu pequeno mundo. O Diego é a criança fetiche da família e todos lhe prestam um culto assíduo. Ele recebe a devoção da família com dignidade, ele reina. Esta situação impede-o de criar relações com as outras crianças: assim que ele se encontra em grupo, desinteressa-se, olha para o ar, brinca com as mãos; ele não pode brincar com outras crianças; se alguns se aproximam, há logo luta. Em casa, ele é mau com a irmã que suporta tudo. A mãe diz da irmã: ela sempre o deixou fazer tudo. Ele gosta sobretudo de brincar sozinho, com os carrinhos, ele conhece-os todos e grande mal aconteceria àquele que ousasse tocar num. O pai, que é bastante atento, já reparou que o filho deixa os carrinhos onde o pai é levado a interessar-se por eles : no escritório, em cima da televisão. O desmame foi impossível : ele não queria parar, dirá a mãe, ela também não queria. «ele só me queria a mim» ; ainda hoje, para adormecer, tem que ter a mão no seio da mãe. Foi muito difícil ir para a escola, fazia chichi, chorou durante um mês. Todos os dias às 6 da manhã ele acorda e vai buscar a mãe para ver os desenhos animados com ela. Tem sempre a mãe debaixo d'olho. O Diego está neste momento num impasse. Os pais, são muito simpáticos e atenciosos, os avós, bastante presentes e intervencionistas, deram-lhe uma posição de excepção que não lhe permite viver a sua vida de criança. Ele representa-se como um robô que come tudo o que encontra. Ele apresenta um traço particular: apesar de falar muito bem, ele transforma o fim das frases de uma forma cheia de maneirismos como se ele fosse o mestre do discurso. Conseguirá

ele extrair-se do aprisionamento em que esta família o colocou ? Para mim ainda é uma incógnita.

Familles Modernes, Souffrances Modernes

Daniel Roy²

Nous rencontrons de plus en plus, dans nos pratiques, sociales, pédagogiques, ou médico-psychologiques, des familles qui ne correspondent plus en rien avec les idéaux familiaux qui orientent la plupart d'entre nous, ou au moins qui orientent le discours courant. Le mariage, ou la cohabitation, basés sur l'inclinaison amoureuse, sur le partage du désir sexuel, le souhait d'avoir un enfant comme volonté exprimée et décidée par les jeunes couples, l'image du père attentif et juste, de la mère aimante, demeurent les grandes balises, les grands repères, qui paraissent jalonner les « projets de vie » des jeunes gens de toutes les classes et de tous les milieux sociaux, même les plus marginaux.

Ces souhaits consciemment exprimés contrastent fortement avec la réalité des faits et des situations que nous rencontrons : l'amour-toujours dure le temps d'une saison, le temps d'une nouvelle rencontre ; les jeunes hommes disparaissent dès que leurs compagnes sont enceintes ; les pères sont absents, ou violents ; les mères n'y arrivent pas ; et chacun semble répéter dans sa vie les erreurs qu'il dénonce chez ses parents. Et pourtant la famille - détruite, reconstituée, recomposée, dispersée, éclatée, -reste, envers et contre tout, le lieu par excellence de l'intimité et le lien qui accroche le sujet au social.

Examinons cela:

² Psychanalyste membre du Comité Exécutif de la NLS, Psychiatre à Bordeaux, France

L'intimité - de plus en plus, les familles se présentent comme le lieu où s'élaborent des usages, des coutumes extrêmement singulières. Ce sont des habitudes qui paraissent souvent étranges aux travailleurs sociaux, et aussi bien aux intéressés eux-mêmes et qui apparaissent dans les discours sous la modalité de « on ne peut pas s'en empêcher » : Soraya ne peut pas s'empêcher d'aller dormir toutes les nuits avec sa mère, malgré les protestations des frères et sœurs, et sa mère ne peut pas s'empêcher de la recevoir, malgré tous les conseils des assistantes sociales, éducatrices, médecins ; Alex et sa mère s'endorment en regardant ensemble des documentaires animaliers, c'est obligé ; Remy et son beau-père doivent s'affronter sur l'ordinateur dans des jeux de combat dont ils sont tous les deux passionnés et la mère peut dire qu'elle a «deux enfants». Nous pourrions multiplier les exemples à l'infini. Evidemment il n'est pas nouveau que ce soit dans la famille que se manifeste l'étrangeté d'un mode de satisfaction propre à un sujet et la psychanalyse a été le révélateur historique de cette dimension : prenez par exemple un des cas les plus célèbres de Freud, la jeune Dora, jeune fille de 18 ans, qui vient voir Freud pour un symptôme de toux hystérique, que Freud mettra en lien après une longue enquête avec une pratique de Dora petite fille – elle suçait son pouce en tripotant l'oreille de son frère avec l'autre main. Ce qui est nouveau, c'est le fait que les sujets se présentent désormais en affichant leur mode de jouissance, ce qui donne ce que nous pouvons appeler un « style additif » à leurs récits de vie, là où jusqu'alors cette dimension de l'intimité restait refoulée. Le style additif, c'est un mode de vie centré sur l'objet de consommation, sur le produit. Le modèle en est le toxicomane, pour lequel il faut saisir que ce qui est à l'œuvre, cela n'est pas qu'il ne peut pas se passer de ce produit-là, mais qu'il « ne peut pas s'empêcher de... » Pour ce qui concerne la famille, il nous faut bien reconnaître que c'est bien souvent le corps de l'enfant qui vient à cette place et qui sert d'objet transitionnel à la mère ou au père, qui sert de « doudou », à sa disposition. Il y a ainsi toute une série de cas selon que cet enfant en place d'objet est plus ou moins habillé par les images idéales des parents. Voilà une première façon de faire une famille : centrée sur un enfant comme objet de satisfaction qui crée la famille.

Deuxième point, la famille comme lien qui accroche le sujet au tissu social. Sur ce point, plus encore, nous sommes tous des héritiers de la psychanalyse. La psychanalyse, et en particulier Jacques Lacan, s'est attachée à montrer comment un enfant trouvait une

place dans sa famille et comment ces diverses modalités de rencontre avec la mère, le père, la fratrie, conditionnaient, modélisaient, les relations sociales que le sujet entretenait avec ses semblables, ses supérieurs, et avec l'Autre sexe. La psychanalyse a forgé divers aperçus pour dire comment un enfant rencontre les soins particularisés d'une femme, sa mère, comment il les accepte ou les refuse, comment cette attention l'emprisonne ou lui sert de tremplin pour découvrir autre chose ; comment il rencontre les petits autres, comment il les accepte ou les repousse, et comment il traverse cette rivalité jalouse et prend appui sur ces identifications ; comment il rencontre la présence du père, comment il l'accepte ou la refuse, comment il résout la difficile question d'un père qui à la fois interdit et autorise. Nous avons tous en tête ce modèle, nous travaillons avec ça, avec l'idée que l'enfance, c'est précisément le temps qu'il faut à un petit d'homme pour traverser ces expériences et s'en servir pour entrer dans le lien social. On a longtemps appelé cela l'éducation, et la société moderne a éprouvé la nécessité de forger « les droits de l'enfant » pour préserver cette dimension, que l'on devait donc sentir menacée. Avec raison. Il apparaît en effet que cela n'est pas la règle que se soient les parents qui font une place à l'enfant. A l'autre extrémité, nous rencontrons bien souvent la situation inverse : c'est l'enfant qui crée les parents, c'est l'arrivée d'un enfant qui fait qu'un homme ou une femme sont nommés aux postes de « père » ou de « mère ». Avec l'arrivée de l'enfant, ils trouvent un statut social « automatique », qui commande leur place dans la société : cela peut les pacifier ou les angoisser terriblement. Cette dimension du « être nommé à » prend le devant de la scène et se substitue à ce qui était traditionnellement la fonction du père, celle de distribuer les places. Alors, dans la famille, c'est cette nouvelle façon de faire qui s'impose également : chacun des partenaires de l'enfant peut, à son gré, le nommer à tel ou tel poste – tu seras celle qui me vengera des hommes, tu seras le footballeur que je n'ai pas pu être, etc. L'enfant se trouve alors pris dans des discours qui le commandent, qui l'assigne à une place, sans tenir compte de ce qu'il a rencontré, lui ou elle, de ce qu'il a distingué dans son monde. Il n'est pas équivalent en effet de chercher à savoir ce que mes parents attendent de moi, ce qui s'appuie sur une part d'énigme, ou bien d'avoir à exécuter un programme de vie fixé par le fantasme des parents.

Heureusement, il nous reste les symptômes, c'est à dire les diverses formes de souffrance qui affectent les êtres parlants. Ils donnent chance au sujet qui en pâtit de

s'interroger sur ce qui lui arrive, c'est une chance pour trouver les commandes qui sont celles de sa propre histoire et les fixations sur ses propres modes de satisfaction. Pour l'enfant, c'est une chance pour isoler les matériaux à partir desquels il peut « construire sa famille », c'est à dire construire les figures de père et de la mère dont il peut faire usage pour grandir.

Je vous propose d'examiner ces points à partir de trois situations cliniques rencontrées depuis début janvier dans le cadre d'une consultation de santé mentale infantile.

1- Thomas, 5ans.

Thomas est adressé par son éducatrice d'action éducative en milieu ouvert, à la suite de la dernière audience avec le juge des enfants. La mesure éducative a été levée pour le frère aîné, Damien, 6 ans, que nous avons rencontré à la consultation en 2005, mais pour lequel la mère n'a pas assuré le suivi. Damien est en garçon très en difficulté au niveau du langage avec un très gros retard de la parole et du langage. Il était très préoccupant par sa perplexité face aux bruits, qui à la fois, semblaient l'exciter et l'angoisser. L'histoire de la famille était singulière : la mère a déjà un fils de 4ans quand elle rencontre monsieur F, le père des enfants, qui part avec une autre femme en août 2004. En décembre de la même année, alors qu'il a en garde ses enfants, cet homme, sur l'incitation de sa nouvelle compagne, porte plainte contre la mère de ses enfants pour « attouchements sexuels ». Les enfants lui sont alors retirés le temps de l'enquête et confiés au père. Elle perd 30 kg face à cette accusation « mensongère » venant de cette femme qu'elle désigne comme « la dominatrice ». Après enquête, le juge aux affaires familiales lui confie la garde des enfants, qui peuvent rencontrer leur père ponctuellement dans un point-rencontre, mais le mal est fait. Actuellement le père a quitté cette femme, qui est décédée. Elle me dira « qu'elle a payé pour ce qu'elle a fait ». Le père vient d'avoir un autre garçon, Enzo, avec une autre femme, dont elle dit « c'est pas mieux ». Il ne faut rien attendre du père, d'ailleurs elle n'a même pas son adresse pour que je puisse lui écrire. Madame a quelqu'un d'autre dans sa vie depuis trois ans, mais elle n'a rien à en dire.

Elle décrit Thomas comme « un garçon très dur », « une petite boule de nerf », mais « je ne peux pas dire que c'est le diable ». Il y a beaucoup de chahuts et de bagarres entre Thomas et Damien, et aussi à l'école. En fait, il apparaît que les choses vont bien mieux depuis que le frère a changé d'école, cela a produit un apaisement chez Thomas.

Comment caractériser cette situation ? D'un côté, la mère se présente comme quelqu'un de très handicapé quant à la parole, incapable d'exprimer le moindre sentiment sur un mode subjectif ; elle ne parle pas à ses enfants, elle décrit les difficultés en empruntant les expressions à l'éducatrice, au médecin, au juge. Damien est un garçon soumis et passif, Thomas est son jumeau agité, qui se manifeste : pour elle c'est vraiment un petit diable. Le père est présenté comme un homme sans foi ni loi, soumis aux caprices des femmes qu'il rencontre. La plainte met l'accent sur le statut des enfants comme objets entre les mains des adultes et leurs conduites témoignent qu'ils se traitent comme cela entre eux (les bagarres).

Alors, comment est-ce que Thomas se débrouille de cela ? Qu'est-ce qu'il a trouvé comme solution ? Eh bien, d'abord, il faut dire que Thomas se présente à moi de façon très différente, comme un petit garçon posé, sérieux et très réfléchi, qui cherche les bonnes expressions pour converser avec moi. Il m'explique qu'à l'école, il fait des erreurs et qu'il a envie que sa maman lui apprenne à lire et à écrire dès maintenant. Il a parfaitement repéré les difficultés de son frère qui n'arrive pas à lire et à écrire. De façon plus générale, pour Thomas c'est sa mère qui détient le savoir, la puissance. Il connaît bien sa situation familiale, mais ne fait pas de lien de filiation entre lui et son père. Il s'intéresse au bébé Enzo. Il va me faire le récit d'un cauchemar qui traite cette question de la famille : « il y a un chien dans un chemin, et son frère Romain (l'aîné) bébé sur le dos du chien ; il commençait à grandir, à devenir grand, très grand, alors il nous portait (Damien et lui) parce qu'on commençait à s'endormir ; on revenait à la maison, on retrouvait maman, mais, elle, elle croyait qu'on était à la maison ». C'est une solution par le frère, à la place d'une solution par le père. C'est son premier appui. Son deuxième appui est encore plus insolite : il va se montrer très sensible à la dimension esthétique d'un tableau affiché dans mon bureau. Il ajoute lors le commentaire suivant : « dans le cahier de l'école j'ai fait une femme, parce que j'ai envie d'en faire une, une femme qui va au jardin et rejoint son mari, mais lui je ne l'ai

pas encore dessiné, à la place j'ai fait un arbre pour dire qu'elle va au parc ». Deuxième solution : l'image fétichisée de la femme. Il va témoigner qu'il est fort peut sensible aux ressources des figures paternelles en m'expliquant, lors d'une deuxième rencontre, qu'il vient d'être baptisé, mais il ne fait aucune référence à la figure divine, uniquement aux cadeaux qu'il a eus, dont un vélo trop grand pour lui, mais c'est Damien qui le conduit et lui peut monter derrière : encore la solution fraternelle !

2- Christopher, 12 ans.

Christopher est déjà venu à la consultation à plusieurs reprises et les prises en charge proposées ont toujours été interrompues : en 2000 d'abord quand il avait 4 ans, puis en 2006, enfin début 2008, et le voilà de retour en 2009 ! Les difficultés sont toujours du même ordre : Christopher ne veut pas ou ne peut pas s'inscrire dans les liens sociaux qui lui sont proposés, que ce soit l'école, les camarades, sa sœur, les visites au père. Une seule stabilité, sa mère, qui est elle-même particulièrement instable. C'est une «mère mouvante», comme on parle de sables mouvants : les parents se séparent à la naissance de Christopher, puis la mère se marie avec un homme algérien dont elle a une fille, elle prend alors le nom de cet homme ; puis elle se convertit à l'islam et change de prénom ; son mari part alors avec sa mère à elle : elle reprend son nom de jeune fille mais garde son nouveau prénom. Idem pour son travail : elle en change très souvent, elle n'est jamais là où on croit qu'elle est. Idem pour l'école de C. qui change très souvent. Elle incarne le caprice absolu. Aujourd'hui elle vient avec son fils, car il a été intégré au collège alors qu'il n'a pas le niveau. Elle a fait échouer le projet d'orientation de l'année précédente. C. ne peut plus aller au collège, c'est très difficile pour lui. Jusqu'à maintenant, il a vu son père régulièrement, il a un demi-frère chez son père. L'année dernière, il ne supportait plus ses camarades : « les autres ne me plaisent pas » ; mais très vite il énonce ses certitudes de persécution : « ils me disent que ça peut pas marcher avec moi, que je porte malheur ».

Cette année, il se plaint de ne pas arriver à un résultat au collège, il n'a pas le niveau, mais très vite on comprend que la faute est plutôt du côté de l'autre qui ne lui veut pas de bien. Il n'y a aucune remise en question de sa part. Il est très décidé, en particulier vis-à-vis de son père : « je me suis disputé avec lui ; sa copine est un problème pour

moi, c'est juste sa petite copine, elle se prend trop pour ma mère, je ne l'aime pas, elle est moche ; alors je lui ai dit que j'aimais pas sa femme, parce qu'ils vont se marier en juillet et je ne veux pas y aller ; je lui ai écrit une lettre et il m'a répondu « ton existence n'est plus rien pour moi » ; ma mère a sa lettre dans son sac ». Cette compagne de son père le persécute sur un point particulier, déjà évoqué les années précédentes : « elle veut que je crois au Père Noël, elle veut que je crois au Père Noël qui n'existe pas ».

Il s'est également fâché avec son éducatrice, un jour où il l'a entendu parler avec sa mère, elle disait tout le temps « résidence principale ». « Alors je me suis interposé : vous venez pour ma mère ou pour moi ? ». Sa mère lui a demandé de présenter ses excuses à l'éducatrice, mais le soir même lui a dit qu'il avait eu raison. La mère a un nouveau compagnon qui essaye d'intervenir dans l'éducation de C., mais elle en parle avec un sourire amusé. Elle, « elle a l'habitude », elle se satisfait des diverses transgressions de son fils et ne lui permet aucune inscription de ses actes, annulant sa part de responsabilité.

Face à cette mère sans foi ni loi, Christopher a construit une solution particulière : c'est un incroyant. Il ne croit pas au père, au père qui permet d'entrer dans le lien social. Voulant me dire que jamais personne ne remplacera sa mère, il dit : « elle remplacera jamais personne si elle meurt, mon père, c'est pareil, il remplacera jamais personne ». Comment mieux dire que C. est son propre créateur, fondamentalement « sans famille ».

3- Diego, 4 ans.

Diego est le dernier enfant rencontré à la consultation. Diego est un enfant portugais qui vit avec sa mère, son père, sa grande sœur, sa GMP et son GPP, autour du restaurant des parents, créé par le GPP, patriarche qui règne en maître sur son petit monde. Il est l'enfant fétichisé de la famille et tous lui vouent un culte assidu. Diego reçoit ces hommages avec dignité, il trône. Mais cela l'empêche de créer des liens avec les autres enfants : dès qu'il est en groupe, il ne s'intéresse pas, il regarde en l'air, il joue avec ses mains ; il ne peut pas jouer avec d'autres enfants ; si certains s'approchent, c'est la bagarre. A la maison, il est très méchant avec sa sœur qui supporte tout. Sa mère dit de sa sœur : « elle lui a toujours laissé tout faire ». Il aime surtout jouer seul, avec ses

petites voitures, il les connaît toutes et malheur à celui qui une toucherait une. Le père, qui est très fin, a remarqué qu'ils les installent dans tous les endroits où lui, le père, est amené à fixer son intérêt : son bureau, la télévision.

Le sevrage a été impossible : il ne voulait pas arrêter, dira la mère, et elle non plus. « Il ne me voulait que à moi ; pour s'endormir, encore aujourd'hui, il ne peut le faire qu'avec la main sur le sein de sa mère ». Il lui a été très difficile d'aller à l'école, il se faisait pipi dessus, il a pleuré tout un mois. Tous les matins à 6h, il se réveille et va chercher sa maman pour regarder les dessins animés avec elle. Il a toujours l'œil sur sa mère.

Diego est pour le moment dans une impasse. Ses parents, très sympathiques et attentionnés, ses grands-parents, très présents et interventionnistes, lui assignent une place d'exception qui ne lui permet pas de vivre sa vie d'enfant. Il se représente comme un robot qui mange tout ce qui lui tombe sous la main. Il présente un trait particulier : alors qu'il parle parfaitement bien, il transforme la fin des phrases de façon très maniérée, comme s'il était le maître du discours. Pourra-t-il s'extraire de la prise très serrée dans ce réseau familial : pour le moment, je l'ignore.